

# Prefixos relacionais como evidência histórico-comparativa: os casos Chiquitano e Jabutí

Eduardo Rivail Ribeiro<sup>1</sup>

## 1. Introdução

Os estudos comparativos do tronco Macro-Jê padeciam, até bem recentemente, da escassez de dados lexicais das línguas possivelmente pertencentes ao tronco. Isto se devia, principalmente, à combinação de dois fatores principais: por um lado, grande parte das línguas Macro-Jê, faladas no leste brasileiro (famílias Purí, Kamakã, Krenák, Maxakalí e Karirí), se extinguíram antes que tivessem sido devidamente documentadas; por outro, grande parte das línguas sobreviventes, principalmente as faladas no oeste e norte do país, só recentemente começaram a ser intensivamente estudadas (Ofayé, Karajá, Rikbaktsa, etc.). Neste contexto de escassez de evidências lexicais, a identificação de casos de peculiaridades morfológicas compartilhadas, como aquelas apontadas por Aryon Rodrigues (1992, 1994, 2000b, 2009), veio a desempenhar papel essencial na demonstração da unidade genética de parte do tronco.

Uma destas peculiaridades é a existência – nas famílias Jê, Karirí, Ofayé, Boróro e Karajá (Rodrigues 1994, 2000b, 2009) – de formas alternantes para raízes nominais, verbais e posposicionais, caracterizadas por uma

---

<sup>1</sup> Linguista, membro do grupo de pesquisa “Estudos Histórico-Comparativos Macro-Jê” (Universidade Federal de Goiás). Contato: <http://wado.us/contato>. Agradecimentos: a Hein van der Voort, pela oportunidade de investigarmos juntos a hipótese (originalmente devida a Curt Nimuendajú) de inclusão da família Jabutí no tronco Macro-Jê; a Denny Moore, pelo incentivo para que levássemos a cabo tal investigação; a Willem Adelaar e Pierric Sans, pelas informações e discussões sobre o Chiquitano; aos falantes destas belas línguas, por compartilharem conosco seus conhecimentos; e, claro, ao Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, na pessoa de Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, pela oportunidade de apresentar este trabalho, pelo estimulante intercâmbio de ideias e pela hospitalidade. A responsabilidade por quaisquer erros neste artigo é, naturalmente, pessoal e intransferivelmente minha. Para uma lista das fontes dos dados aqui usados, vide Ribeiro e van der Voort (2010).

variação na consoante inicial do tema.<sup>2</sup> Na análise proposta por Rodrigues, tais alternâncias envolvem um “prefixo relacional de contiguidade” (um prefixo de ligação ou prefixo relacional propriamente dito, em minha análise (Ribeiro 2004, 2005b)) e um “prefixo relacional de não-contiguidade” (que eu prefiro tratar, simplesmente, como um prefixo de terceira pessoa). Antes que tais consoantes fossem analisadas como prefixos, haviam sido tratadas como partes da raiz, em análises, por linguistas do SIL, de línguas como o Karajá (Fortune 1964) e o Timbira (Popjes & Popjes 1986); uma análise semelhante, no que diz respeito ao que seria a forma básica da raiz, é também proposta por Salanova (2009). Embora haja discordância – controvérsia, até – entre diferentes autores quanto à análise de tais alternâncias, elas constituem, em si, fortes indicações de relacionamento genético, especialmente quando são – como vêm sendo (Ribeiro 2004, 2005b) – corroboradas por correspondências fonológicas regulares.

Como este artigo pretende demonstrar, o valor histórico-comparativo das alternâncias detectadas inicialmente por Aryon Rodrigues acaba sendo corroborado por fontes inesperadas: o Chiquitano (Bolívia e Mato Grosso) e as línguas Arikapú e Djeoromitxí (família Jabutí, Rondônia).<sup>3</sup> Embora tais línguas sejam excluídas do tronco na classificação de Rodrigues (1970, 1986, 1999), estudos recentes (Adelaar 2008, Ribeiro & van der Voort 2010) apresentam fortes evidências lexicais e gramaticais para sua inclusão. Entre as similaridades gramaticais detectadas, incluem-se alternâncias consonantais que têm, muito provavelmente, a mesma origem das alternâncias descritas como prefixos relacionais por Rodrigues. Assim, embora a inclusão do Chiquitano e das línguas da família Jabutí venha a alterar a classificação proposta por Aryon Rodrigues, parte das evidências em que se baseia acaba por corroborar um *insight* original do mesmo autor.

---

<sup>2</sup> Embora os paradigmas de prefixos pessoais (de que fazem parte os prefixos relacionais) sejam geralmente comuns a verbos, nomes e adposições, a discussão neste artigo se limitará aos nomes, visando a maior clareza e simplicidade de exposição.

<sup>3</sup> Além da inclusão do Chiquitano e da família Jabutí, minha versão da ‘hipótese Macro-Jê’ difere da de Rodrigues em apenas um outro aspecto: apesar de as principais classificações de línguas sul-americanas incluírem o Guató no tronco Macro-Jê, eu o excluo, já que não há evidências suficientemente convincentes para sua inclusão mesmo em caráter hipotético. As famílias (em alguns casos, compostas de apenas um membro) que comporiam o tronco Macro-Jê, em minha opinião, seriam as seguintes: (1) Jê, (2) Maxakalí, (3) Borum (Botocudo, Krenák), (4) Kamakã, (5) Purí (Coroadó), (6) Karirí, (7) Iatê, (8) Karajá, (9) Boróro, (10) Ofayé, (11) Rikbaktsa, (12) Jabutí e (13) Chiquitano.

## 2. Prefixos relacionais e a ‘hipótese Tukajê’

O termo ‘prefixo relacional’ (ou ‘prefixo de relação’) foi inicialmente usado para descrever o prefixo de ligação *r-* do Tupinambá (ou Tupí Antigo) que ocorre com (uma classe morfológica de) raízes (nominais, verbais ou posposicionais) começadas por vogal quando estas são imediatamente precedidas por um determinante nominal ou pronominal (cf. Rodrigues 1951, 1952, 1953). Assim, nos exemplos Tupinambá abaixo, a raiz *úb* ‘pai’ ocorre com o prefixo *r-* quando precedida de um possuidor nominal ou pronominal:

(1) **Tupinambá**

- |    |                   |                     |    |                        |
|----|-------------------|---------------------|----|------------------------|
| a. | <i>kunumí</i>     | <i>r-úb-a</i>       | b. | <i>xe-r-úb-a</i>       |
|    | menino            | <b>REL</b> -pai-NOM |    | 1- <b>REL</b> -pai-NOM |
|    | ‘o pai do menino’ |                     |    | ‘meu pai’              |

Com base em seu comportamento morfológico, Rodrigues (1953:123) divide as raízes nominais, verbais e posposicionais do Tupinambá em duas classes, classe I (“temas que não recebem prefixo de relação”) e classe II (“temas que recebem prefixo de relação” quando “são imediatamente precedidos por um substantivo (salvo em caso de composição) ou pelos pronomes das 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas, da 1<sup>a</sup>. classe.”<sup>4</sup> As diferenças entre uma e outra classe não se limitam à ocorrência ou não do prefixo de relação; ambas as classes recebem, também, diferentes prefixos de terceira pessoa, *i-* para a classe I (*xe-anám-a* ‘meu parente’, *i-anám-a* ‘parente dele’), *s-* para a classe II (*xe-r-etám-a* ‘minha terra’, *s-etá-ma* ‘terra dele’; Rodrigues 1952:63-64).

Posteriormente, Rodrigues estende o uso do termo ‘prefixo relacional’ para se referir também a prefixos de terceira pessoa, como *s-* e *i-* em Tupinambá: enquanto *r-* seria um ‘prefixo relacional de contiguidade’, *s-* e *i-* seriam ‘prefixos relacionais de não-contiguidade’; por analogia com formas da classe II como *xe-r-etám-a*, raízes da classe I apresentariam um “alomorfe zero” do ‘prefixo relacional de contiguidade’ – e.g. *xe-Ø-anám-a* (Rodrigues 1994, 1999, 2000b, 2009). Contudo, neste artigo, ao falar de ‘prefixo relacional’, refiro-me exclusivamente ao prefixo *r-* do Tupinambá e

<sup>4</sup> A esta “1<sup>a</sup>. classe” pertencem os pronomes (ou prefixos pronominais) que desempenham função absoluta (ou seja, como possuidores, objetos diretos ou objetos de posposição). “À classe I”, escreve Rodrigues (1953:123), “pertencem todos os temas começados por vogal; à classe II pertencem só temas começados por vogal.”

prefixos que ocorrem em posições equivalentes em outras línguas, seguindo a terminologia inicialmente adotada por Rodrigues (1951, 1952, 1953).<sup>5</sup>

Em um artigo seminal, que circulou por vários anos como manuscrito (1994) e veio a ser publicado recentemente (2009), Rodrigues aponta a existência de fenômenos notavelmente semelhantes aos prefixos relacionais também em línguas da família Karíb e do tronco Macro-Jê. Tais semelhanças pareceriam, em princípio, corroborar a hipótese de parentesco genético entre a família Karíb e os troncos Tupí e Macro-Jê,<sup>6</sup> proposta antes pelo mesmo autor (Rodrigues 1985, 2000a).<sup>7</sup> Rodrigues apresenta exemplos de diversas línguas Tupí (como o Tupinambá), Karíb (como o Hixkaryána) e Macro-Jê (como o Panará):

(2) **Tupinambá**

- |    |                   |                  |    |                |
|----|-------------------|------------------|----|----------------|
| a. | <i>wyrá</i>       | <i>r-ába</i>     | b. | <i>s-ába</i>   |
|    | pássaro           | <b>REL</b> -pena |    | <b>3</b> -pena |
|    | ‘pena do pássaro’ |                  |    | ‘pena (dele)’  |

<sup>5</sup> A discussão dos argumentos a favor de uma ou outra análise, embora interessante, não é relevante para o tema do presente artigo, desde que se tenha em mente as diferenças de uso terminológico explicadas acima. Especialistas em Karíb, como Sérgio Meira e Spike Gildea (vide, por exemplo, Meira, Gildea & Hoff 2010), também tratam apenas o ‘prefixo de ligação’ como prefixo relacional propriamente dito.

<sup>6</sup> Trata-se da ‘hipótese Tukajê’ (como é informalmente conhecida entre sul-americanistas), que continua sendo a mais plausível dentre as hipóteses de parentesco de longo alcance na América do Sul (na opinião, por exemplo, de Greg Urban (1992:94)).

<sup>7</sup> No entanto, como se trata de uma hipótese de relacionamento remoto, tais semelhanças superficiais devem ser vistas com cautela, a menos que venham a ser corroboradas por correspondências fonológicas regulares calcadas em evidências lexicais. Uma hipótese que não pode ser descartada é a de que tais alternâncias tenham uma origem fonologicamente motivada e possam, portanto, ter surgido independentemente nas diferentes famílias em questão. Um cenário que sugeri, no caso da família Karíb, é que o prefixo relacional teria a mesma origem que o de terceira pessoa, como citado por Meira, Gildea & Hoff (2010:515), dada a óbvia semelhança entre os prefixos *\*i-* ‘3ª pessoa’ e *\*j-* ‘relacional’, reconstruíveis para o Proto-Karíb. Uma origem semelhante poderia ser postulada também para o Pré-Proto-Macro-Jê, embora as evidências sugiram que, em Proto-Macro-Jê, tais alternâncias já teriam se tornado morfológicas. Dentre possíveis cognatos lexicais entre Tupí e Macro-Jê, alguns parecem indicar correspondências entre os prefixos relacionais em ambos os troncos (por exemplo, Tupinambá *r-ub* :: Proto-Jê *\*j-um* ‘pai’, Tupinambá *r-er* :: Proto-Jê *\*j-inji* ‘nome’); embora sugestivos, tais exemplos não permitem uma conclusão sólida no estágio atual de nosso conhecimento comparativo.

(3) **Hixkaryána**

- |    |                 |                 |    |                |
|----|-----------------|-----------------|----|----------------|
| a. | <i>waraka</i>   | <i>j-amory</i>  | b. | <i>Ø-amory</i> |
|    | Waraka          | <b>REL</b> -mão |    | <b>3</b> -mão  |
|    | ‘mão do Waraka’ |                 |    | ‘mão dele’     |

(4) **Panará**

- |    |                  |                  |    |                |
|----|------------------|------------------|----|----------------|
| a. | <i>sôti</i>      | <i>j-akoa</i>    | b. | <i>s-akoa</i>  |
|    | animal           | <b>REL</b> -boca |    | <b>3</b> -boca |
|    | ‘boca do animal’ |                  |    | ‘boca dele’    |

No caso do Macro-Jê, as semelhanças vão além da ocorrência de um prefixo de ligação, havendo também – como em Tupú – diferentes prefixos de terceira pessoa para raízes de uma e outra classe: Karajá *d-* vs. *i-*; Kipeá *s-* vs. *i-*; Suyá *s-* vs. *i-*; etc.

### 3. Prefixos relacionais em Macro-Jê

Rodrigues inicialmente descreve a existência de prefixos relacionais em quatro famílias do tronco Macro-Jê – Jê, Karirí, Ofayé e Boróro (Rodrigues 1994) –, acrescentando, em trabalhos mais recentes, dados do Karajá (Rodrigues 1999, 2000b, 2009). À medida que o conhecimento histórico-comparativo das línguas Jê vai progredindo, a profundidade temporal dos prefixos relacionais nesta família torna-se evidente. As alternâncias ocorrem em todos os ramos (setentrional, central e meridional) e podem, certamente, ser reconstruídas para o Proto-Jê (Ribeiro 2004, 2005b). Eu reconstruo o prefixo relacional como *\*j-* (que seria, já na proto-língua, nasalizado antes de vogais nasais [ɲ], e que alternaria com um prefixo de terceira pessoa, que eu reconstruo como *\*s-*).<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Em minha reconstrução do Proto-Jê, apresento raízes como *\*j-ĩja* ‘nariz’ com seu ‘prefixo de ligação’ para indicar o fato de que tais raízes são morfologicamente presas; mesmo se o ‘prefixo de ligação’ for analisado como parte da raiz, é necessário indicar que tal consoante é ‘mutável’ (o hífen serviria, neste caso, para desempenhar esta função). Tal procedimento é útil, também, por permitir a comparação mesmo no caso de línguas em que o mecanismo flexional envolvendo prefixos relacionais já não é produtivo; é o caso do Kaingáng (família Jê), por exemplo, em que tais raízes ocorrem com um prefixo fossilizado – ou o prefixo relacional, como em *jãre* ‘raiz’ (< Proto-Jê *\*j-are* ~ *\*s-are*), ou o prefixo de terceira pessoa, como em *phērē* ‘asa’ (< Proto-Jê *\*j-ar* ~ *\*s-ar*), além da existência de duplas etimológicas com significados especializados, como *jēŋ* ‘levantar-se’ vs. *phēŋ* ‘pôr de pé’ (Proto-Jê *\*j-am* ~ *\*s-am*). Mesmo no caso de línguas em que as alternâncias são ainda produtivas, algumas raízes podem ter se tornado invariáveis, no que diz respeito ao prefixo relacional. É o caso do Karajá *dəbĩ* ‘pai, pai dele’, que ocorre com um prefixo de 3ª. pessoa fossilizado (cf. Proto-Jê *\*j-um* ~ *\*s-um*).

Estudos adicionais vêm sugerindo que, também no âmbito do tronco Macro-Jê, as alternâncias temáticas envolvendo os chamados ‘prefixos relacionais’ são provavelmente herdadas (ou seja, já teriam ocorrido em Proto-Macro-Jê), corroborando, assim, a hipótese de parentesco genético. Dois fatores são essenciais para tal comprovação: (1) deve haver correspondências fonológicas regulares entre as consoantes envolvidas nas alternâncias nas diversas línguas e (2) tais alternâncias devem ser corroboradas por evidências lexicais (ou seja, se tais alternâncias são, de fato, herdadas de uma proto-língua, devem, via de regra, ocorrer com raízes que são, também, cognatas – descontados, naturalmente, os efeitos de fatores irregulares como a analogia). Este é o caso, por exemplo, das correspondências entre o Proto-Jê e o Karajá (Ribeiro 2004):

- a consoante do prefixo relacional em Proto-Jê, *\*j-*, corresponde regularmente às consoantes dos prefixos relacionais em Karajá (*d- ~ l- ~ d3-*), como em Proto-Jê *\*jĩ* ‘carne’ :: Karajá *dɛ*; Proto-Jê *\*-jɔ* ‘instrumental’ :: Karajá *-da* [na];
- a consoante do prefixo de terceira pessoa *\*s-* em Proto-Jê corresponde regularmente à consoante do prefixo de terceira pessoa em Karajá (*d- ~ t/-*), como em Proto-Jê *\*sĩ* ‘semente’ :: Karajá *dĩ*; Proto-Jê *\*si* ‘osso’ :: Karajá *dɪ*; Proto-Jê *\*so* ‘chupar’ :: Karajá *dɔ*;
- e, como seria de se esperar, as alternâncias ocorrem com raízes que são, muito provavelmente, cognatas (como Proto-Jê *\*j-ĩja* ‘nariz’ :: Karajá *d-ɛaθɛ*; Proto-Jê *\*j-ɔtɔ* ‘língua’ :: Karajá *d-ɔɾɔɔ*; Proto-Jê *\*j-wa* ‘dente’ :: Karajá *d3-u*).

Exemplos semelhantes podem ser mencionados para todas as demais línguas que apresentam prefixos relacionais (cf. Ofayé *j-ĩ/ɛ* ‘nariz’, *j-õra* ‘língua’; Boróro *i-t-o* ‘meu dente’; etc.). Processos fonológicos regulares podem contribuir, em alguns casos, para obscurecer as alternâncias originais entre uma consoante cognata do Proto-Jê *\*j* e outra cognata do Proto-Jê *\*s*. É o caso, por exemplo, do Boróro, onde, correspondendo à consoante *\*s* do Proto-Jê (e /d/ do Karajá, etc.), tem-se zero (como, por exemplo, em Boróro *a* ‘caroço’ :: Proto-Jê *\*sĩ* ‘semente’ :: Karajá *dĩ*), algo que ocorre também nas línguas Jê setentrionais Apinajé e Kaiapó. Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência – com uma raiz cognata – do prefixo relacional e sua alternância com o de terceira pessoa em Suyá (família Jê), Apinajé (família Jê), Boróro (família Boróro) e Karajá (família Karajá):

- (5) **Suyá**  
 a. *i-t-wa*  
 1-REL-dente  
 ‘meu dente’  
 b. *s-wa*  
 3-dente  
 ‘dente dele’
- (6) **Apinajé**  
 a. *ít-tf-wa*  
 1-REL-dente  
 ‘meu dente’  
 b. *Ø-wa*  
 3-dente  
 ‘dente dele’
- (7) **Boróro**  
 a. *i-t-o*  
 1-REL-dente  
 ‘meu dente’  
 b. *Ø-o*  
 3-dente  
 ‘dente dele’
- (8) **Karajá**<sup>9</sup>  
 a. *wa-dʒ-u*  
 1-REL-dente  
 ‘meu dente’  
 b. *tf-u*  
 3-dente  
 ‘dente dele’

#### 4. ‘Prefixos relacionais’ em Chiquitano e Jabutí

Esta seção apresenta evidências para a existência, em Chiquitano e Djeoromitxí (família Jabutí), de ‘consoantes de ligação’ ou alternâncias morfofonêmicas que se assemelham – em forma e distribuição – aos prefixos relacionais descritos para a família Jê e outras famílias do tronco Macro-Jê. Os dados sugerem que tais consoantes de ligação e alternâncias morfofonêmicas têm a mesma origem que aquelas documentadas para as demais famílias, ocorrendo com raízes que são, provavelmente, também cognatas.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Os alomorfes palatais do prefixo relacional (dʒ-) e do prefixo de terceira pessoa (tf-) do Karajá ocorrem antes de vogais altas [+ATR].

<sup>10</sup> As alternâncias em Chiquitano e Djeoromitxí têm distribuição mais restrita que em Jê, Karajá ou Ofayé. Em Djeoromitxí, a forma com a consoante inicial /r/ ou /n/ é restrita a construções morfológicas, não ocorrendo em construções sintáticas como (10b) ou (11b) abaixo. Formas com /h/ ocorrem como formas absolutas, mesmo com a primeira pessoa, como no exemplo (15a), uma vez que a primeira pessoa em tal exemplo não é indicada por prefixo, mas por pronomes independentes. Em Chiquitano, quando o possuidor é expresso por um nome, o nome possuído é flexionado para 3ª. pessoa (exemplos de Galeote Tormo 1993:73):

- |     |  |     |  |
|-----|--|-----|--|
| (a) | <i>(n-)i-tübaurri-rr</i> <i>Currтина-rr</i><br><i>(n)-3-irmão-rr</i> <i>Agustina-rr</i><br>‘irmão de Agustina’<br>(‘su hermano de Agustina’) | (b) | <i>(n-)Ø-arüqui-rr</i> <i>Cuan</i><br><i>(n)-3-irmã-rr</i> <i>Juan</i><br>‘irmã de Juan’<br>(‘su hermana de Juan’) |
|-----|--|-----|--|

## 4.1 Chiquitano

O Chiquitano (ou Bésiro), língua falada em Mato Grosso e na Bolívia, foi incluído no tronco Macro-Jê inicialmente por Greenberg (1987), com base especialmente em semelhanças entre seus prefixos pessoais e os de outras línguas do tronco. Embora tal classificação não seja aceita por Rodrigues (1986, 1999), vem sendo confirmada por estudos mais recentes – particularmente por Willem Adelaar (2008). Com base em dados e metodologia mais confiáveis que os usados por Greenberg, Adelaar apresenta evidências lexicais que, somadas às notáveis semelhanças nos sistemas de prefixos pessoais, corroboram, de maneira sólida, a inclusão do Chiquitano no tronco Macro-Jê. Os cognatos identificados por Adelaar incluem termos para partes do corpo como *pa* ‘braço’ (Proto-Jê \**pa*), *oo* ‘dente’ (Proto-Jê \**j-wa*) e *utu* ‘língua’ (Proto-Jê \**j-ōtɔ*). Como os exemplos na Tabela 1 demonstram, a semelhança entre as séries de prefixos pessoais em Chiquitano e em línguas Jê, como o Apinajé (9), é evidente.

**Tabela 1.** Paradigmas possessivos do Chiquitano (Galeote Tormo 1993)<sup>11</sup>

	‘braço’	‘dente’	‘língua’
1 <sup>a</sup> .	( <i>n</i> -) <i>i-pia</i>	( <i>n</i> -) <i>i-s-oo</i>	( <i>n</i> -) <i>i-ñ-utu</i>
2 <sup>a</sup> .	( <i>n</i> -) <i>a-pa</i>	( <i>n</i> -) <i>oo</i>	( <i>n</i> -) <i>utu</i>
3 <sup>a</sup> .	( <i>n</i> -) <i>i-pia-rr(-ti)</i>	( <i>n</i> -) <i>oo-rr(-ti)</i>	( <i>n</i> -) <i>utu-rr(-ti)</i>
1 <sup>a</sup> . pl. Incl.	( <i>n</i> -) <i>u-pa</i>	( <i>n</i> -) <i>o-s-oo</i>	( <i>n</i> -) <i>u-ñ-utu</i>

### Apinajé

(9)	a.	<i>ijn-pa</i> 1-braço ‘meu braço’	b.	<i>a-pa</i> 2-braço ‘teu braço’	c.	<i>i-pa</i> 3-braço ‘braço dele’
-----	----	---	----	---------------------------------------	----	--

Construções possessivas deste tipo ocorrem também em Kipeá e Dzubukuá (família Kariri). Considerando que as línguas das demais famílias Macro-Jê tendem a ser consistentemente SOV, é provável que tanto o Chiquitano, quanto as línguas Kariri tenham sofrido, independentemente, processos de realinhamento tipológico.

<sup>11</sup> O prefixo *n-* que precede todos os nomes não é relevante para a presente discussão. Embora os prefixos de primeira e terceira pessoa sejam homófonos, o de primeira pessoa pode desencadear palatalização da consoante inicial da raiz (cf. *n-i-chanu* ‘minha cabeça’, *n-a-tanu* ‘tua cabeça’, *n-i-tanu-rr-ti* ‘cabeça dele’; Galeote Tormo 1993:87). A terceira pessoa difere da primeira, também, por apresentar o sufixo *-rr* (aparentemente, um marcador de ‘forma de citação’) e, na fala masculina, o sufixo *-ti*.



Uma outra notável semelhança entre os paradigmas pessoais do Chiquitano e de línguas Jê diz respeito à ocorrência, em Chiquitano, de uma *consoante de ligação* (Adelaar 2008:24) entre alguns prefixos – incluindo o de primeira pessoa – e raízes como *oo* ‘dente’ (*i-s-oo* ‘meu dente’) e *utu* ‘língua’ (*i-ñ-utu* ‘minha língua’). Tais consoantes de ligação correspondem exatamente aos prefixos relacionais das línguas Macro-Jê mencionadas acima (cf. Apinajé *it-tf-wa* ‘meu dente’, *i-p-ō?to* ‘minha língua’), inclusive em detalhes da alomorfia. Mas enquanto a alomorfia em Jê é fonologicamente condicionada (*p-* ocorre antes de vogais nasais), a alomorfia em Chiquitano não é motivada sincronicamente, podendo ser explicada apenas quando se comparam os dados do Chiquitano com os de outras famílias do tronco Macro-Jê (como apontado por Adelaar). Tal situação – em que problemas sincrônicos do Chiquitano vêm a ser explicados por comparações com outras línguas Macro-Jê – reforça substancialmente a hipótese de parentesco genético.

Note-se que, além da 1<sup>a</sup>. pessoa do singular, a consoante de ligação ocorre também com a primeira pessoa do plural inclusiva (*o-s-oo* ‘nossos dentes’, *u-ñ-utu* ‘nossas línguas’). Mais uma vez, as semelhanças com línguas Macro-Jê mais bem conhecidas, como o Apinajé (*wa-tf-wa* ‘nossos dentes’, *wa-p-ō?to* ‘nossas línguas’), são impressionantes.<sup>12</sup> Note-se, ainda, que, com raízes desta classe, a segunda e a terceira pessoas parecem ser marcadas por prefixos zero. No caso da terceira pessoa, é possível que tenha ocorrido algo semelhante ao que se tem em Boróro e Apinajé, mencionados acima: a consoante Chiquitano correspondente ao \**s* Proto-Jê teria se tornado zero. Embora evidências lexicais envolvendo tais correspondências sejam ainda muito poucas, pelo menos um exemplo parece corroborar a plausibilidade desta hipótese: correspondendo ao Proto-Jê \**si* ‘osso’ (Karajá *dI*, Ofayé *hi*), o Chiquitano apresenta *i*. Já no caso da segunda pessoa, a ‘marcação zero’ pode, de fato, vir a ser um traço conservador do Chiquitano, se levarmos em consideração dados do Karajá e do Ofayé, em que a segunda pessoa é, com

---

<sup>12</sup> Uma outra semelhança digna de nota é o fato de que, nos dados do Chiquitano documentados em tempos coloniais (publicados por Adam & Henry 1880), raízes desta classe ocorrem, na primeira pessoa, sem o prefixo *i-* que se encontra nos dados contemporâneos (*z-oo* ‘meu dente’, *oo* ‘teu dente’, *oo-s-tii* ‘dente dele’, *o-z-oo-s-tii* ‘nosso dente’, etc.). A situação em Chiquitano colonial seria, assim, semelhante ao que se vê em Ofayé, em exemplos como (11b). Talvez o acréscimo do prefixo *i-* seja uma inovação, resultante de nivelamento paradigmático, mas esta é um questão que requer estudos mais aprofundados.

raízes que recebem prefixos relacionais (ou seja, a ‘classe II’ de Rodrigues), também marcada por zero:<sup>13</sup>

(10) **Karajá**

- a. *habu dʒ-u*  
homem REL-dente  
‘dente do homem’
- b. *wa-dʒ-u*  
1-REL-dente  
‘meu dente’
- c. *Ø-u*  
2-dente  
‘teu dente’
- d. *tʃ-u*  
3-dente  
‘dente dele’

(11) **Ofayé**

- a. *kaforo f-egi*  
dog REL-rabo  
‘rabo do cachorro’
- b. *f-egi*  
1-rabo  
‘meu rabo’

<sup>13</sup> A marcação zero seria, possivelmente, o resultado da prefixação do prefixo de segunda pessoa diretamente às raízes (que, com esta classe, são sempre começadas por vogal), resultando na queda do prefixo. Isto sugeriria que o prefixo de segunda pessoa seria pelo menos tão antigo quanto o prefixo relacional e o de terceira pessoa, já que ocorreriam na mesma posição, imediatamente adjacentes à raiz. Embora em línguas como o Apinajé a segunda pessoa seja marcada pelo prefixo *a-* também com raízes da classe que recebe prefixos de ligação (cf. *a-j-akwa* ‘tua boca’), em Suyá a segunda pessoa é marcada pelo prefixo *ŋ-*, na mesma posição morfológica em que ocorre o prefixo relacional ou o de terceira pessoa (*i-y-aykwa* ‘minha boca’, *ŋ-aykwa* ‘tua boca’; *s-aykwa* ‘boca dele’; Santos 1997:35). É provável que a forma Suyá seja mais conservadora e se relacione diacronicamente com o fenômeno da ‘marcação zero’ em línguas como o Karajá, o Ofayé e o Chiquitano – hipótese a ser investigada à medida que as correspondências fonológicas entre as diversas famílias se tornem mais bem estabelecidas.

- c. *Ø-egi*  
2-rabo  
'teu rabo'

*h-egi*  
3-rabo  
'rabo dele'

## 4.2 Jabutí

Curt Nimuendajú (com base em dados coletados pelo etnógrafo alemão Emil Heinrich Snethlage) foi o primeiro a sugerir que as línguas Djeoromixí e Arikapú (ambas faladas em Rondônia, constituindo a família linguística Jabutí) seriam aparentadas às línguas da família Jê, apesar da distância geográfica que separa as duas famílias (Nimuendajú 2000). Greenberg (1987), com base em evidências pouco convincentes, inclui a família Jabutí no tronco Macro-Jê, mas tal opinião não é compartilhada por Rodrigues (1970, 1986, 1999). Um estudo recente (Ribeiro e van der Voort 2010), no entanto, demonstrou que Nimuendajú tinha, afinal, a razão. Partindo da comparação entre as proto-línguas reconstruídas para ambas as famílias (o Proto-Jê reconstruído por mim (2005b) e o Proto-Jabutí reconstruído por van der Voort (2007)), várias correspondências regulares foram detectadas, corroboradas por vários cognatos lexicais e gramaticais. Como no caso do Chiquitano, os cognatos incluem prefixos pessoais e vários itens do vocabulário básico, tais como termos referentes a partes do corpo e termos de parentesco (12). O fato de que pares de raízes homófonas em uma família correspondem a pares de raízes homófonas na outra (13) reforça ainda mais a tese de parentesco genético, corroborando o caráter regular das correspondências.

(12)	<b>Parkatêjê (Jê)</b>	<b>Arikapú (Jabutí)</b>	
a.	<i>intʃum</i>	<i>itʃu</i>	'meu pai'
b.	<i>intʃe</i>	<i>itʃi</i>	'minha mãe'
c.	<i>ikra</i>	<i>ikraj</i>	'meu filho'

(13)	<b>Pares homófonos em Jê e Jabutí</b>		
	<b>Jê</b>	<b>Jabutí</b>	
a.	* <i>ma</i>	* <i>mə</i>	'ouvir'
b.	* <i>ma</i>	* <i>mə</i>	'fígado'
c.	* <i>ɲɾe</i>	<i>ARI rĕ</i>	'dançar'
c.	* <i>ɲɾe</i>	<i>ARI rĕ</i>	'ovo'

Uma peculiaridade do Djeoromitxí, descrita inicialmente por Pires (1992:44-47) em sua dissertação de mestrado, é o fato de que algumas raízes apresentam variação em sua consoante inicial:

Verificou-se em Jeoromitxi que os fonemas /r/ e /n/ alternam com o fonema /h/ no início de algumas construções formadas por prefixo + radical. Este radical pode pertencer tanto à classe verbal quanto à nominal. (Pires 1992:44)

Assim, a raiz para ‘braço’ ocorre em duas formas, *hapa* (quando não precedida de prefixo) e *rapa*, quando precedida de prefixo (*a-rapa* ‘teu braço’, *i-rapa* ‘braço dele’, *hi-rapa* ‘nosso braço’). Pires ilustra a alternância entre /n/ e /h/ com a raiz verbal *hōkü* ~ *nōkü* ‘cair’:

(14) Djeoromitxí (Pires 1992:46)

- |    |           |             |    |             |               |
|----|-----------|-------------|----|-------------|---------------|
| a. | <i>hū</i> | <i>hōkü</i> | b. | <i>aje</i>  | <i>a-nōkü</i> |
|    | eu        | cair        |    | você        | 2-cair        |
|    | ‘eu caí’  |             |    | ‘você caiu’ |               |

Aparentemente, a forma começada por /r/ ou /n/ ocorre não apenas quando o radical é precedido de um prefixo, mas também quando o elemento precedente é uma raiz em composição (talvez incorporação nominal):

(15) Djeoromitxí (Ribeiro e van der Voort 2010:532)

- |    |           |                 |
|----|-----------|-----------------|
| a. | <i>h#</i> | <i>h#mi</i>     |
|    | eu        | estar.doente    |
|    |           | ‘Estou doente.’ |
| b. | <i>h#</i> | <i>pa-r#mi</i>  |
|    | eu        | pé-estar.doente |
|    |           | ‘Meu pé dói.’   |

Como em Chiquitano, as consoantes envolvidas nas alternâncias (de um lado, /r/ e /n/, de outro, /h/) correspondem regularmente às consoantes envolvidas em alternâncias em Jê<sup>14</sup> – ou seja, Proto-Jê \*j e \*s – e ocorrem com raízes que são provavelmente cognatas:

<sup>14</sup> Embora seja provável que /h/, nestes casos, corresponda ao Proto-Jê \*s (cf. Proto-Jê \*s<sub>i</sub> ‘semente’ :: Arikapú *hã*, Djeoromitxí *hō*), há ainda poucos cognatos em Jabutí que ilustrem tais correspondências. Dois outros prováveis cognatos, Proto-Jabutí \*i ‘osso’ e \*u ‘chupar’ (Proto-Jê \*s<sub>i</sub> e \*s<sub>o</sub>, respectivamente), sugerem uma correspondência entre Proto-Jê \*s e Jabutí zero (limitada, talvez, a ambientes antes de vogal alta em Jabutí). Espera-se que estudos adicionais ajudem a esclarecer esta questão.

- (16) a. PJê \**j-ĩ* ‘carne’ > Kaingáng *nĩ*, Apinajé *ɲ-ĩ*, etc.  
 b. PJê \**j-wa* ‘dente’ > Kaingáng *ja*, Apinajé *tf-wa*, etc.  
 c. PJê \**j-um* ‘pai’ > Kaingáng *jɔŋ*, Parkatêjê *tf-um*, etc.  
 d. PJê \**j-arkwa* ‘boca’ > Kaingáng *jãnkã* ‘porta’, Apinajé *j-akwa* ‘boca’, etc.
- (17) a. PJab \**nĩ* ‘carne’ > Djeoromitxí *nĩ*, Arikapú *nĩ*  
 b. PJab \**tfo* ‘dente’ > Djeoromitxí *ru ~ hu*  
 c. PJab \**tfu* ‘pai’ > Djeoromitxí *ru ~ hu*, Arikapú *tfu*  
 d. PJab \**tfako* ‘boca’ > Djeoromitxí *rakɥ ~ hakɥ*, Arikapú *tfako*

Embora as alternâncias não sejam produtivas em Arikapú, há nesta língua relíquias (*haroko ~ tfaroko* ‘falar’) que indicam que tal fenômeno pode, de fato, ser reconstruído para o Proto-Jabutí. A situação do Arikapú é, assim, semelhante à do Kaingáng, em que, exceto por alguns casos residuais, formas que alternam em outras línguas da mesma família se tornaram invariáveis (e.g. Arikapú *tfako* ‘boca’ vs. Djeoromitxí *rakɥ ~ hakɥ*, Kaingáng *jãnkã* ‘porta’ vs. Apinajé *j-akwa* ‘boca’; etc.).

## 5. Considerações finais

Como a descrição acima demonstra, as línguas Chiquitano e Djeoromitxí (família Jabutí) apresentam, respectivamente, *consoantes de ligação* e alternâncias consonantais iniciais que têm, muito provavelmente, a mesma origem que consoantes de ligação documentadas para outras línguas do tronco Macro-Jê, descritas como ‘prefixos relacionais’ por Aryon Rodrigues (1994, 2000b, 2009). Evidências lexicais sugerem que as consoantes envolvidas nas alternâncias são etimologicamente as mesmas; além disso, as alternâncias ocorrem com raízes que são, muito provavelmente, cognatas. Evidências morfológicas deste tipo – quando corroboradas por evidências lexicais, como sugiro aqui – constituem forte evidência de parentesco genético. Assim, as descobertas de Rodrigues acerca dos prefixos relacionais em Jê, Boróro, Karirí, Ofayé e Karajá acabam servindo para corroborar a inclusão do Chiquitano e da família Jabutí no tronco Macro-Jê.

Como em outros casos em que pesquisas adicionais vêm servindo para ampliar o escopo de ideias propostas originalmente por Aryon Rodrigues (vide, por exemplo, Ribeiro 2002 e 2009), os exemplos discutidos neste artigo testemunham o caráter acumulativo da ciência – ou seja, a necessidade (e as vantagens) de se levar em consideração, criticamente, contribuições anteriores de autores que, a princípio, chegam a conclusões opostas. Por mais

que a quantidade e a qualidade das evidências lexicais se aprimorem (graças aos esforços de documentação e análise sendo empreendidos por diversos colegas e instituições), peculiaridades morfológicas como as discutidas neste artigo desempenharão, sempre, papel crucial nos estudos histórico-comparativos Macro-Jê, ilustrando bem o valor de se integrarem evidências lexicais e gramaticais.

## Referências

- Adam, Lucien & Victor Henry. 1880. *Arte y vocabulario de la lengua Chiquita, con algunos textos traducidos y explicados compuestos sobre manuscritos inéditos del XVIIIo. siglo*. Paris: Maisonneuve y Cía.
- Adelaar, Willem F. H. 2008. Relações externas do Macro-Jê: O caso do chiquitano. In Stella Telles & Aldir Santos de Paula (eds.), *Topicalizando Macro-Jê*, 9-28. Recife: Edições Néctar.
- Fortune, David and Fortune, Gretchen. 1964. *Karajá grammar* (manuscrito). Rio de Janeiro: Arquivo Linguístico do Museu Nacional.
- Galeote Tormo, Jesús. 1993. *Manitana auqui besüro: Gramática moderna de la Lengua Chiquitana y vocabulario básico*. Santa Cruz de la Sierra: Imprenta “Los Huérfanos”.
- Greenberg, Joseph H. 1987. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press.
- Meira, S. & Gildea, S. & Hoff, B.J. 2010. On the origin of ablaut in the cariban family. *International Journal of American Linguistics*, 76 (4), pp. 477-515.
- Nimuendajú, Curt. 2000 [1923–42]. *Cartas do Sertão de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira*. Editado por Thekla Hartmann. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/Assírio & Alvim.
- Popjes, Jack and Jo. 1986. Canela-Kraho. In: Derbyshire, Desmond C. and Geoffrey Pulum (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*, Vol. I. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Pires, Nádia Nascimento. 1992. *Estudo da gramática da língua Jeoromitxi (Jabuti)*. Dissertação de mestrado, Unicamp.
- Ribeiro, Eduardo R. 2002. O marcador de posse alienável em Karirí: um morfema Macro-Jê revisitado. *LIAMES*, 2:31-48.
- Ribeiro, Eduardo R. 2004. Prefixos relacionais em Jê e Karajá: um estudo histórico-comparativo. In D’Angelis, Wilmar da R. (org.), *LIAMES (Anais do II Encontro Macro-Jê)*, 4:91-101. Campinas: IEL/Unicamp.
- Ribeiro, Eduardo R. 2005a. Análise morfológica de um texto Karajá. In Rodrigues, Aryon D. & Ana Suely Arruda C. Cabral (org.), *Novos estudos sobre línguas indígenas*, p. 99-128. Brasília: Editora UnB.

- Ribeiro, Eduardo R. 2005b. A reconstruction of Proto-Jê (and its consequences for the Macro-Jê hypothesis). Trabalho apresentado no International Symposium on Historical Linguistics. Belém: MPEG & UFPA.
- Ribeiro, Eduardo R. 2009. Old data, new cognates: the case of the ‘marker of alienable possession’ in the Kamakã, Purí, and Krenák families. *Cadernos de Etnolinguística, Série Notas*, n. 2. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/nota:2>
- Ribeiro, Eduardo Rivail & Hein van der Voort. 2010. Nimuendajú was right: the inclusion of the Jabutí language family in the Macro-Jê stock. *International Journal of American Linguistics*, vol. 76, 4:517-70.
- Rodrigues, Aryon D. 1951. A composição em Tupi. *Separata de Logos*, ano VI, n. 14. Curitiba.
- Rodrigues, Aryon D. 1952. Análise morfológica de um texto Tupi. *Separata de Logos*, ano VII, n. 5. Curitiba.
- Rodrigues, Aryon D. 1953. Morfologia do verbo Tupi. *Letras* 1.121-152
- Rodrigues, Aryon D. 1970. Línguas ameríndias. In *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, p. 4034-4036. Rio de Janeiro: Editora Delta.
- Rodrigues, Aryon D. 1985. Evidence for Tupí-Carib relationships. In Klein, H. E. & Stark, L. R. (eds.) *South American Indian languages: retrospect and prospect*. Austin: University of Texas Press. 371-404.
- Rodrigues, Aryon D. 1986. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- Rodrigues, Aryon D. 1992. Um marcador Macro-Jê de posse alienável. *Anais da 44a Reunião Annual da SBPC*, p. 386. São Paulo: SBPC.
- Rodrigues, Aryon D. 1994. Grammatical affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê. Ms., Universidade de Brasília.
- Rodrigues, Aryon D. 1999. Macro-Jê. In Dixon, Robert M. W. & Alexandra Aikhenvald (org.), *The Amazonian Languages*, p. 164-206. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rodrigues, Aryon D. 2000a. ‘Gê-Pano-Carib’ x ‘Jê-Tupí-Karib’: sobre relaciones lingüísticas prehistóricas en Sudamérica. In Miranda, Luis (ed.), *Actas: I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*, p. 95-104. Lima: Universidad Ricardo Palma.
- Rodrigues, Aryon D. 2000b. Flexão relacional no tronco linguístico Macro-Jê. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, vol. 25, p. 219-231.
- Rodrigues, Aryon D. 2009. A Case of Affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, vol. 1, n. 1, 137-162.

- Salanova, Andrés Pablo. 2009. Não existem prefixos relacionais nas línguas Jê. In Braggio, Silvia L. B. & Sinval M. de Sousa Filho, *Línguas e Culturas Macro-Jê*, p. 259-271. Goiânia: Editora Vieira.
- Santos, Ludoviko C. dos. 1997. Descrição de aspectos morfossintáticos da língua Suyá (Kisêdjê), família Jê. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Urban, Greg. 1992. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In Carneiro da Cunha, Manuela, *História dos Índios no Brasil*, p. 87-102. São Paulo, Companhia das Letras.
- Van der Voort, Hein. 2007. Proto-Jabutí: um primeiro passo na reconstrução da língua ancestral dos Arikapú e Djeoromitxí. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Humanas*, Vol. 2, Nº 2, p. 133-168.